

*Acordo Ortografico do Rio de Janeiro supõe um grande avanço na consolidação e unificação da escrita em lingua comum galaicolusobrasileiraaficana de expressão portuguea, hoje lingua oficial da CEE e da OUA e de oito * países em três Continentes.*

A Galiza esteve presente na elaboração do Acordo Ortografico, representada pelo Presidente das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, o escritor J. L. Fontenla, o professor Isaac Estraviz e a professora e codirectora de O ENSINO Adela Figueroa, com as restantes delegações dos outros países lusofonos: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe; infelizmente o delegado de Guiné Bissau não esteve presente por razões alheias à sua vontade.

As delegações presentes no «Encontro da Unificação Ortografica da Língua Portuguesa» agradeceram a presença da delegação da Galiza, embora não pudesse intervir como oficial pela negligencia e irreponsabilidade do Governo Galego e do Presidente da Real Academia Galega, Dr. Garcia Sabell.

Ainda assim a Delegação galega fez entrega de dois documentos de adesão, que são dados a conhecer com as «Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa», pela sua indubitavel importancia e interesse para todos os que compomos o mundo lusofono.

Só uma sugestão queremos fazer aos professores, escritores e intelectuais que seguem a nossa revista assiduamente, que divulguem a

* Na Galiza é cooficial com o castelhano (N. da R.).

Ortografia Simplificada que no Rio de Janeiro foi acordada por todos os países lusofonos, desde a Terra Mãe e berço da língua — Galiza — até Portugal, Brasil e países africanos de língua oficial portuguesa. É a melhor maneira de defendermos e consolidarmos a segunda língua romanica mais importante do planeta que representa a identidade própria de cada Nacionalidade onde se fala, além de ser uma língua de comunicação internacional transcontinental com um futuro prometedora.

A Ortografia Simplificada, na nossa opinião, é muito mais adequada para o ensino pois simplifica acentos e economiza esforços fazendo que possa aceder ao mundo da informática, da indústria e das novas tecnologias, sem por isso deixar de respeitar a unidade estrutural do Sistema Linguístico Comum e o genio da língua.

Com o texto que oferecemos, facilitado no encerramento do «Encontro da Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa» no Rio de Janeiro aos meios de comunicação corrigidos pelas Delegações intervenientes, queremos desde já apoiar o processo unificador iniciado, com a melhor vontade, por todos os países lusofonos num Encontro que já é histórico.

A revista «NÓS» facilita tão importante texto aos professores dos países lusofonos tal como foi entregue no Rio de Janeiro, no encerramento do Encontro, e na confiança de que todos os países de língua portuguesa assumirão pronto a Ortografia Simplificada que beneficia a todo o Sistema Linguístico, no seu conjunto e nas variantes ou realizações (em particular galega, portuguesa e brasileira) que poderão não só melhorar as suas respectivas situações, senão também se integrar numa língua standard de comunicação internacional.

Como afirmava o escritor Miguel de Unamuno «o sangue do meu espirito é a minha língua; a minha patria ali onde ressoa».

Defendermos desde já «o sangue do espirito» comunitario galaico-lusobrasileiroafricano de expressão portuguesa não é senão defendermos e desenvolvermos a parte da Humanidade — «patria de todos» — que os lusofonos somos.

A tal fim oferece a revista «NÓS» as Bases da Ortografia Simplificada».



DOCUMENTOS



**BASES ANALITICAS DA ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA
DA LINGUA PORTUGUESA EM 1945,
RENEGOCIADAS EM 1975 E CONSOLIDADAS EM 1986**

BASE I

Das letras k, w e y

O *k*, o *w* e o *y* mantêm-se nos vocabulos derivados eruditamente de nomes proprios estrangeiros que se escrevam com essas letras: *frankliniano*, *kantismo*, *darwinismo*, *wagneriano*, *byroniano*, *taylorista*. Tais letras são licitas em siglas, simbolos, abreviações e mesmo palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional.

BASE II

Dos derivados de nomes estrangeiros

Em congruencia com a base anterior, mantêm-se nos vocabulos derivados eruditamente de nomes proprios estrangeiros, não tolerando substituição, quaisquer combinações graficas não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersonia*, de *Jefferson*; *mülleriano*, de *Müller*; *shakesperiano*, de *Shakespeare*.

Os vocabularios autorizados registrarão grafias alternativas admissiveis, em casos de divulgação de certas palavras de tal tipo de origem (a exemplo de *fucsia/fuchsia* e derivados, *buganvilla/buganvillea/bougainvillea*).

BASE III

Do h inicial

O *h* inicial emprega-se: 1.º) por força da etimologia: *haver*, *hellce*, *hera*, *hoje*, *hora*, *humano*; 2.º) em virtude de tradição grafica muito longa, com origem no proprio latim e com paralelo em línguas romanicas: *humor*; 3.º) em virtude de adoção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!*. Admite-se, contudo, a sua supressão, apesar da etimologia, quando ela está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal*, *ervanario*, *ervoso* (em contraste com *herbaceo*, *herbanario*, *herboso*, formas de origem erudita).

DOCUMENTOS

Se um *h* inicial passa a Interior, por via de composição, e o elemento em que figura se aglutina ao precedente, suprime-se: *anarmonico, biebdomadario, desarmonia, desumano, exaurir, inabil, lobisomem, reabilitar, reaver, transumar*. Igualmente se suprime nas formas do verbo *haver*, que entram, com pronomes intercalados, em conjugações de futuro e de condicional: *amá-lo-ei, amá-lo-ia, dir-se-á, dir-se-ia, falar-nos-emos, falar-nos-íamos, juntar-se-lhe-ão, juntar-se-lhe-iam*.

BASE IV

Dos finais de origem hebraica

Os digramas finais de origem hebraica *ch, ph* e *th* conservam-se integros, em formas onomásticas da tradição bíblica, quando soam (*ch = c, ph = f, th = t*) e o uso não aconselha a sua substituição: *Beruch, Loth, Moloch, Ziph*. Se, porém, qualquer desses digramas, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José, Nazaré*, em vez de *Joseph, Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica, *Judite*, em vez de *Judith*.

BASE V

Da homofonia de certas consoantes

Dada a homofonia existente entre certas consoantes, torna-se necessário diferenciar os seus empregos gráficos, que fundamentalmente se regulam pela etimologia e pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita as consoantes homofonas nem sempre permite fácil diferenciação de todos os casos em que se deve empregar uma consoante e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, do mesmo som; mas é indispensável, apesar disso, ter presente a noção teórica dos vários tipos de consoantes homofonas e fixar praticamente, até onde for possível, os seus usos gráficos, que nos casos especiais ou dificultosos a prática do idioma e a consulta do vocabulário ou do dicionário irão ensinando.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1.º) Distinção entre *ch* e *x*: *achar, archote, bucha, capecho, capucho, chamar, chave, Chico, chiste, chorar, colchão, colchete, endecha, entrebuchar, facho, ficha, flecha, frincha, gancho, inchar, macho, mancha, murchar, nicho, pachorra, pecha, pechincha, penacho, rachar, sachar, tacho; ameixa, anexim, baixel, baixo, bexiga, bruxa, coaxar, coxia, debuxo, deixar, eixo, elixir, enxofre, faixa, feixe, madeixa, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, uxte (interjeição), vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xicara*.

2.º) Distinção entre *g* palatal e *j*: *adaglo, alfageme, algebra, algema, algeroz, Algés, algibebe, algibeira, algido, almargem, Alvorge, Argel, Bajé, estrangeiro, falange, ferrugem, frigr, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, giria, herege, relógio, sege, Tanger, virgem: adjetivo, ajeitar, ajeru (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jejum, jeira, jeito, jelala, Jeová, jenipapo, pequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jermum, Jeronimo, Jesus, jiboia, jiquipanga, jiquiró, Julquitala, jirau, jiriti, jitrana, laranja, loja, lojista, Majé, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujê, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito*.

3.º) Distinção entre as sibilantes surdas *s, ss, c, ç*, e *x*: *ansia, ascensão, aspersão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansarda, manso, pretensão*,

remanso, seara, seda, Seia, sertã, Sernancelhe, serralheiro, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadessa, acossar, amassar, arremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso (identicamente, Codessal ou Codassal, Codessedá, Codesoso, etc.), crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, fosso, gesso, molosso, mossa, obsessão, pessego, possesso, remessa, sobresselente, sossegar.; acem, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escocia, Macedo, obcecar, percevejo; açafate, açorda, açúcar, almaço, atenção, berço; Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguíça, maçada, Mação, maçar, Moçambique, Moçamedes, muçulmano, murça, negaça, pança, peça, qilçaba, quiçama, quiçamba, Seica, (grafia que pretere as erroneas Ceica e Ceissa), Seiçal, Suiça, terço; auxilio, Maximiliano, Maximino, maximo, proximo. A proposito deve observar-se:

a) em principio de palavra nunca se emprega ç, que se substitui invariavelmente por s: *safio, sapato, sumagre*, em vez das antigas escritas *çafio, çapato, çumagre*;

b) quando um prefixo se junta a um elemento que começava outrora por c, não reaparece esta letra: mantem-se o s, que, encontrando-se entre vogais, se dobra: *assaloiado*, de *saloio* (ant. *çaloio*), e não *açaloiado*.

4.º) Distinção entre s de fim de sílaba, inicial ou interior, e x e z identicos: *adestrar, Calisto, excusar, esdruxulo, Estremadura, Estremoz, inesgotavel; extensão, explicar, extraordinario, inextricavel, inexperto, sextante, textil; capazmente, infelizmente, vefozmente*. De acordo com esta distinção, convem notar dois casos:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o x = s muda para s sempre que está precedido de i ou u: *justapor, juxtalinear, misto, sistino* (cf. *Capela Sistina*), *Sisto*, em vez de *juxtapor, juxtalinear, mixto, sixtino, Sixto*.

b) Só nos adverbios em mente se admite z = s em final de sílaba seguida de outra. De contrario, o s toma sempre o lugar do z: *Biscaia*, e não *Bizcaia*.

5.º) Distinção entre s final de palavra e x e z identicos: *aguarrás, aliás, anís, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinís, Garcês, gás, Gerês, Inês, iris, Jesus, jus, lapis, Luis, pais, português, Queirós, quis, retrós, revés, Tomás, Valdês; calix, Felix, fenix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez* (substantivo e forma do verbo *fazer*), *fiz, Forjaz, Galaaz, giz, jaez, matiz, petiz, Queluz, Romariz*, (Arcos de) *Valdevez, Vaz*. A proposito, deve observar-se que é inadmissivel z final equivalente a s em palavra não oxitona: *Cadís* e não *Cadiz*.

6.º) Distinção entre as sibilantes sonoras interiores s, x e z: *aceso, analisar, anestesia, arteção, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa*, (Marco de) *Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermesinde, Esposende, frenesi ou frenesim, frisar, guisa, improviso, jusante, liso, lousa, Lousã, Luso* (nome de lugar, homonimo de *Luso*, nome mitologico), *Matosinhos, Meneses, Narciso, Nisa, obsequio, sacerdotisa, Sesimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, transito, vaso; exalar, exemplo, exhibir, exorbitar, exuberante, inexato, inexoravel; abalizado, alfazema, Arcozelo, autorizar, azar, azedo, azo, azorrague, baliza, bazar, beleza, buzina, buzio, comezinho, deslizar, deslize, Ezequiel, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, leziria, Mouzinho, proeza, sação, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela*.

BASE VI

Das sequencias consonanticas (I)

O c gutural das sequencias interiores -cc- (segundo c sibilante), -çç- e -ct-, e o p das sequencias interiores -pc- (c sibilante), -pç- e -pt-, ora se eliminam, ora se conservam.

Assim:

1.º) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronuncias cultas da lingua: *aflicção, aflito, dicionario, absorção, cativo, ação, acionar, ator, efetivo, coletivo, diretor, adoção, adotar, batizar, ato, exato, Egito, otimo*, etc.

2.º) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronuncias cultas da lingua: *compacto, convicção, convicto, ficção, fricção, friccionar, pacto, pictural, adepto, apto, diptico, erupção, inepto, eucalipto, nupcias, rapto*, etc.

3.º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se proferem numa pronuncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *facto e fato, cacto e cato, caracteres e carateres, peremptorio e perentorio, aspecto e aspeto, ceptro e cetro, consumpção e consunção, corrupto e corruo, sumptuoso e suntuoso, dicção e dição, sector e setor*, etc.

4.º) Quando, nas sequencias interiores -mpc-, -mpç- e -mpt-, se eliminar o p, de acordo com o determinado nos paragrafos precedentes, o m passa a n, escrevendo-se, respectivamente, -nc-, -nç- e -nt-: *assumptivel e assuntivel, assumpção e assunção, peremptorio e perentorio, sumptuoso e suntuoso*, etc.

BASE VII

Das sequencias consonanticas (II)

Além do c gutural das sequencias interiores -cc-, -çç- e -ct-, e do p das sequencias interiores -pc-, -pç- e -pt-, eliminam-se ou conservam-se consoantes varias de outras sequencias, sempre que são invariavelmente mudas ou invariavelmente proferidas, em qualquer das pronuncias cultas da lingua. As mesmas consoantes, porem, conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se proferem em alguma pronuncia culta da lingua, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento.

Assim:

1.º) Eliminam-se: o c da sequencia -cd-, em *anedota* e respectivos derivados e compostos, assim como em *sinodoque*; o g da sequencia -gd-, em *Emidio* e *Madalena*; o g da sequencia -gm-, em *aumentar, aumento, fleuma, fleumatico*; o g da sequencia -gn-, em *assinatura, Inacio, Inês, sinal*, etc.; o m da sequencia -mn-, em *condenar, dano, ginasio, onibus, solene, sono*; o p da sequencia inicial ps-, em *salmo* e *salmodia*, assim como nos derivados destas palavras; o s da sequencia -xs-, em *exangue* e nas palavras em que está seguido de outra consoante: *expuição, extipulaceo, extipulado*.

2.º) Conservam-se o g da sequencia -gm-, em *apotegma, diafragma, fragmento, segmento*; o g da sequencia -gn-, em *Agnelo, cognato, designar, significar*, etc.; o ph da sequencia de origem grega *phth*, sob a forma de f, tal como o *th* seguinte, sob a forma de t, em *afra, difteria, ftartico, ftiriase, ftorico, oftalmologia*, etc.; o *th* da sequencia de origem grega *thm*, sob a forma de t, em *logaritmo, ritmo*, etc.

DOCUMENTOS

3.º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente: o *b* da sequência *-bd-*, em *subdito* (ou *sudito*); o *b* da sequência *-bt-*, em *subtil* (ou *sutil*) e seus derivados; o *g* da sequência *-gd-*, em *amígdala*, *amígdalacea*, *amígdalar*, *amígdalato*, *amígdalite*, *amígdaloide*, *amígdalopatia*, *amígdalotomia*, *amígdalectomia* (ou *amídala*, *amídalacea*, *amídaloite*, *amídaloide*, *amídalopatia*, *amídalotomia*, *amídalectomia*); o *m* da sequência *-mn-*, em *amnistia*, *amnistiar*, *indemne*, *indemnidade*, *indemnizar*, *omnímodo*, *omnipotente*, *omnisciente* (ou *anístia*, *anístiar*, *indene*, *indendade*, *indenizar*, *onímmodo*, *onipotente*, *onisciente*); o *th* da sequência de origem grega *-thm-*, sob a forma de *t*, em *aritmética* e *aritmético* (ou *arimética* e *arimético*).

BASE VIII

De consoantes finais

As consoantes finais *b*, *c*, *d*, *g* e *t* mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos e toponimos da tradição bíblica: *Jacob*, *Job*, *Moab*, *Isaac*; *David*, *Gad*; *Gog*, *Magog*; *Bensabat*, *Josafat*.

Integram-se também nesta norma: o antropónimo *Cid*, em que o *d* é sempre pronunciado; os toponimos *Madrid* e *Valhadolid*, em que o *d* ora é pronunciado, ora não; e o toponimo *Calicut* ou *Calicut*, em que o *t* se encontra nas mesmas condições.

Nada impede, entretanto, que dos antropónimos em apreço sejam usados sem a consoante final *Jó*, *Davi* e *Jacó*.

BASE IX

Das vogais atonas

O emprego do *e* e do *i*, assim como do *o* e do *u*, em sílaba atona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias:

a) com *e* e *i*: *ameaça*, *amealhar*, *antecipar*, *arrepisar*, *banhear*, *boreal*, *campeão*, *cardeal* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* = «relativo à *cardia*»), *Ceará*, *codea*, *enseada*, *enteado*, *Floreal*, *Janeanes*, *lendea*, *Leonardo*, *Leonel*, *Leonor*, *Leopoldo*, *Leote*, *linear*, *meão*, *melhor*, *nomear*, *peanha*, *quase* (em vez de *quasi*), *real*, *semeiar*, *semelhante*, *varzea*; *ameixial*, *Ameixleira*, *amial*, *ameiro*, *arrieiro*, *artilharia*, *capitania*, *cordial* (adjetivo e substantivo), *corriola*, *crânio*, *criar*, *diante*, *diminuir*, *Dinis*, *ferregial*, *Filinto*, *Filipe* (e identicamente *Filipa*, *Filipinas*, etc.), *freixial*, *giesta*, *Idanha*, *igual*, *imiscuir-se*, *inigualável*, *lampião*, *limiar*, *Lumiar*, *lumieiro*, *patio*, *pior*, *tigela*, *tijolo*, *Vimieiro*, *Vimioso*;

b) com *o* e *u*: *abolir*, *Alpendorada*, *assolar*, *borboleta*, *cobiça*, *consoada*, *consoar*, *costume*, *discolo*, *embolo*, *engolir*, *epístola*, *esbaforir-se*, *esboroar*, *farandola*, *femoral*, *Freixoeira*, *girandola*, *goela*, *jocoso*, *magoa*, *nevoa*, *nodoa*, *obolo*, *Pascoa*, *Pascoal*, *Pascoela*, *polir*, *Rodolfo*, *tavoa*, *tavoadade*, *tavola*, *tombolo*, *veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *agua*, *aluvião*, *arcuense*, *assumir*, *bullir*, *camandulas*, *curtir*, *curtume*, *embutir*, *entupir*, *femur*, *fístula*, *glandula*, *ingua*, *jucundo*, *legua*, *Luanda*, *lucubração*, *lugar*, *mangual*, *Manuel*, *mingua*, *Nicaragua*, *pontual*, *regua*, *tabua*, *tabuada*, *tabuleta*, *tregua*, *vitualha*.

Sendo muito variadas as condições etimológicas e fonetico-históricas em que se fixam graficamente *e* e *i* ou *o* e *u* em sílaba atona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se *e* ou *i*, *o* ou *u*.

DOCUMENTOS

Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

1.º) Escrevem-se com *e*, e não com *i*, antes da sílaba tônica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em *eio* e *eia*, ou com eles estão em relação direta. Assim se regulam: *aldeão*, *aldeola*, *aldeota*, por *aldeia*; *areal*, *areeiro*, *areento*, *Arcosa*, por *areia*; *aveal*, por *aveia*; *baleal*, por *baleia*; *cadeado*, por *cadeia*; *candeeiro*, por *candeia*; *centeeira* e *centeeiro*, por *centelo*; *colmeal* e *colmeiro*, por *colmeia*; *correada*, *correame*, por *correia*.

2.º) Escrevem-se igualmente com *e*, antes de vogal ou ditongo da sílaba tônica, os derivados de palavras que terminam em *e* acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: *ea*, *ee*): *galeão*, *galeota*, *galeote*, de *galé*; *guineense*, de *Guiné*; *poleame* e *poleeiro*, de *polé*.

3.º) Escrevem-se com *i*, e não com *e*, antes da sílaba tônica, os adjetivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernacula *iano* e *isense*, os quais são o resultado da combinação dos sufixos *ano* e *ense* com um *i* de origem analógica (baseado em palavras onde *ano* e *ense* estão precedidos de *i* pertencente ao tema: *horaciano*, *italiano*, *duriense*, *flaviense*, etc.); *açoriano*, *caboverdiano*, *camoniano*, *goisiano* («relativo a Damião de Gois»), *soclocliano*, *siniense* («de Sines»), *torriense* («do toponimo Torres»), *acriano* («de Acre»).

4.º) Uniformizam-se com as terminações *io* e *ia* (atonas) em vez de *eo* e *ea*, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: *cumio* (popular), de *cume*; *hastia*, de *haste*; *restia*, do antigo *reste*; *vestia*, de *veste*.

5.º) Os verbos em *ear* podem distinguir-se praticamente, grande numero de vezes, dos verbos em *iar*, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em *eio* ou *eia* (sejam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: *aldear*, por *aldeia*; *alhear*, por *alheio*; *cear*, por *ceia*; *encadear*, por *cadeia*; *pear*, por *peia*, etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rizotônicas em *eio*, *eias*, etc., desde que não se liguem a substantivos com as terminações atonas *ia* ou *io* (como *ansiar* ou *odiar*): *clarear*, *delinear*, *devanear*, *falsear*, *granjear*, *guerrear*, *hastear*, *nomear*, *semeiar*, etc.

6.º) Não é lícito o emprego do *u* final atono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: *moto*, em vez de *motu* (por exemplo, na expressão de *moto proprio*); *tribo*, em vez de *tribu*.

7.º) Os verbos em *oar* distinguem-se praticamente dos verbos de *uar* pela sua conjugação nas formas rizotônicas, que têm sempre o na sílaba acentuada: *abençoar*, com *o*, como *abenção*, *abençoas*, etc.; *destoar*, com *o*, como *destoo*, *destoas*, etc.

BASE X

De perguntar e derivados

O verbo *perguntar* não admite na escrita corrente a mudança da sílaba *per* em *pre*: *preguntar*. E o mesmo se dá, por conseguinte, com quaisquer palavras dele formadas: *pergunta*, *perguntador*, *perguntante*, *perguntão*, *reperguntar*, e não *pregunta*, *preguntador*, *preguntante*, *preguntão*, *reperguntar*.

DOCUMENTOS

BASE XI

De querer e derivados

Consideram-se normais na escrita corrente as formas *quer* e *requer*, dos verbos *querer* e *requerer*, em vez de *quere* e *requere*: *ele quer*, *ela o quer*, *ela requer*, *ela o requer*, *quer dizer*, e não *ele quere*, *ele o quere*, *ela requerê*, *ela o requerê*, *quere dizer*. São legítimas, entretanto, as formas com e final, quando se combinam com o pronome enclítico *o* ou qualquer das suas flexões: *quere-o*, *quere-os*, *requere-a*, *requere-as*.

A forma *quer* transmite a sua grafia à conjunção a que deu origem e mantém-na, além disso, em todas as palavras compostas e locuções em que figura: *quer ... quer*; *bem me quer*; *malmequer*; *onde quer que*; *quem quer que*.

BASE XII

Das nasais

Na representação das vogais nasais devem observar-se, além de outros suficientemente conhecidos, os seguintes preceitos:

1.º) Quando uma vogal nasal tem outra vogal depois dela, a nasalidade é expressa pelo til: *ãatã*, *desãalmado*, *ẽarcado*, *lũa* (antigo e dialetal), *ũa* (antigo e dialetal).

2.º) Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguida de *s*: *afã*, *grã*, *lã*, *orfã*; *clarim*, *tom*, *vacum*; *flautins*, *semitons*, *zunzuns*.

3.º) Os vocabulos terminados em *ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos adverbios em *mente* que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos precedidos do infixo *z*: *cristãmente*, *irmãmente*, *sãmente*; *lãzudo*, *maçãzita*, *maçãzinha*, *manhãzinha*, *romãzeira*.

Em complemento dos preceitos de representação das vogais nasais, importa notar que nas combinações dos prefixos *in* (tanto o que exprime interioridade como o que exprime negação) e *en* (diferente do elemento *en*, resultante da preposição *em*: *enfim*, *enquanto*) com elementos começados por *m* ou *n*, não se admitem, quanto à escrita normal, as sequencias *mm* e *nn*, as quais se reduzem respectivamente, a *m* e a *n*: *imergir*, *inovação*, *inato* [quer no sentido de «congenito», quer no de «não nascido»], e não *immergir*, *innovação*, *innato*; *emagrecer*, *emoldurar*, *enegrecer*, *enobrecer*, e não *emmagrecer*, *emmoldurar*, *engrecer*, *ennobrecer*. Em coerência com o disposto, grafar-se-á *conosco*.

BASE XIII

Dos ditongos

1. Os ditongos orais, que em parte tanto podem ser tónicos como atónicos, distribuem-se por dois grupos gráficos principais, consoante a subjuntiva soe *i* ou *u*: *ai*, *ei*, *oi*, *iu*, *ui*; *au*, *eu* ou: *braçais*, *caixote*, *déveis*, *eirado*, *farneis*, *farneizinhos*, *goivo*, *goivar*, *lençois*, *lençoizinhos*, *tafuis*, *uivar*; *cacau*, *cacauero*, *deu*, *endeusar*, *ilheu*, *ilheuzito*, *mediu*, *passou*, *regougar*. Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos *æ* (= *âi* ou *ai*) e *ao* (= *âu* ou *au*): o primeiro, representado nos antropónimos *Caetano* e *Caetana*, assim como nos respetivos derivados e compostos (*caeta-*

tinha, são caetano, etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição *a* com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo *o*, ou sejam *ao* e *aos*.

Cumpra-se, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

1.º) É o ditongo *ui*, e não a sequência vocalica *ue*, que se emprega nas formas de 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do indicativo e igualmente na de 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *uir*: *constituís, influí, retribuís*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui, etc.*); e ficam assim em paralelo graficofonético com as formas de 2.ª e 3.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *air* e em *oer*: *atrás, cai, sai; mois, remoi, soi*.

2.º) É o ditongo *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *u* a um *i* atono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais *u* e *i* se separem: *fluidico, fluidez (u-i)*.

3.º) Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles os encontros vocalicos postônicos, tais os que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, oa, ua, ue, uo*: *aurea, aureo, colonia, especie, eximlo, megos, mingua, tenue, triduo*.

II. Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tônicos como atonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocalica; ditongos constituídos por vogal e consoante nasal, tendo esta o valor de ressonância. Eis a indicação de uns e outros:

1.º) Os ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocalica são quatro, considerando-se apenas a linguagem normal contemporânea: *ãe* (usado em vocabulos oxitônicos e derivados), *ãl, ão* e *õe* (usados em vocabulos anoxitônicos e derivados). Exemplos: *cães, Guimarães, mãe, mãezinha; cáibas, cáibeiro, cáibra, zãibro; mão, mãozinha, não, quão (não quam), sotão, sotãozinho, tão (não tam); Camões, orações, oraçãozinhas, põe, repões*. Ao lado de tais ditongos pode ainda, colocar-se o ditongo *ũl*, que se representa sem o til nas formas *multo* e *muí*, por obediência à tradição.

2.º) Os ditongos grafados por vogal e consoante nasal equivalente a ressonância são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

a) *am* (sempre atono) só se emprega em flexões verbais, onde nunca é lícito substituí-lo por *ão*: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

b) *em* (tônico ou atono) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas, determinadas pela posição, pela acentuação ou simultaneamente pela posição e pela acentuação: *bem, Bemboim* (topônimo), *Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bençanta, Benfeito, Benfica, benquista, bens, enfim, enquanto, homenzarão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens; amem* (variação de *amen*), *armazem, convem, mantem, ninguém, porém, Santarem, também; convém, mantêm, têm* [3.ª pessoas do plural]; *armazens, desdens, convens, retens, Belenzada, vIntenzinho*.

BASE XIV

Da acentuação gráfica

O sistema de acentuação gráfica da língua portuguesa obedecerá às seguintes disposições:

1.º) o acento grave (`), segundo o modelo das formas *à* e *às* resultantes da contração da preposição *a* com as flexões femininas do artigo definido ou pronome demonstrativo *a* e *as*, notará as contrações da preposição *a* com o *a* inicial das formas pronominais demonstrativas *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, *aqueloutro*, *aqueloutra*, *aqueloutros*, *aqueloutras*: *àquele*, *àquela*, *àqueles*, *àquelas*, *àquilo*, *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*.

2.º) o acento agudo (´) notará as vogais *a*, *e* e *o* abertas seguidas ou não de *s* de vocabulos agudos ou oxítonos: *pá*, *pás*, *pé*, *pés*, *pó* *pós*, *rajá*, *rajás*, *café*, *cafés*, *enxó*, *enxós*; notará também, facultativamente, as formas *louvámos*, *amámos* e conexas do preterito perfeito do indicativo da primeira conjugação em contraste com as formas *louvamos*, *amamos* e conexas do presente do indicativo.

3.º) o acento circunflexo (^) notará:

a) as palavras agudas ou oxítonas terminadas nas vogais *e* e *o* fechadas seguidas ou não de *s*: *vê*, *vês*, *mercê*, *mercês*, *rô*, *rôs*, *robô*, *robôs*;

b) as formas da terceira pessoa do plural do presente do Indicativo dos verbos *ter* e *vir*, *têm* e *vêm*, e dos seus compostos *contêm*, *convêm*, *mantêm*, *provêm*, etc.; em contraste com as do singular *tem*, *vem*, *convem*, *mantem*, *provem*, etc.; em relação com o disposto, lembre-se que às formas do singular *lê*, *vê*, *crê*, *relê*, *revê*, *descreê*, etc., opõem-se *leem*, *creem*, *releem*, *reveem*, *descreem*, etc., do plural;

c) a flexão *pôde* do preterito perfeito do verbo *poder* em contraste com a flexão *pode* do presente do indicativo do mesmo verbo, bem como os substantivos *fôrma* e *fôrmãs*, em contraste com *forma* e *formas*, flexões do verbo *formar* e também substantivos.

4.º) Em casos de ambiguidade contextual que possa ser desfeita pela acentuação gráfica fica facultativo o uso de acento para dirimi-la. Não há, por exemplo, ambiguidade contextual em **fabricas* o que quiseres com *fabricas* cibernetizadas», nem em «*é preciso por tento no que se faz, por amor dos outros*».

BASE XV

Do hífen em compostos e locuções

1.º) Os compostos formados por elementos que não apresentam concordância interna grafam-se aglutinadamente: *madreperola* (*madreperolas*), *madressilva* (*madressilvas*), *pontapé* (*pontapés*) *norteamericano* (*norteamericanos*), *sulaficano* (*sulaficanos*), *portoalegrense* (*portoalegrenses*), *sãotomense* (*sãotomenses*), *matogrossense* (*matogrossenses*), *espíritossantense* (*espíritossantenses*), *audiovisual* (*audiovisuais*), *lusobrasileiro* (*lusobrasileiros*), *lusoafricano* (*lusoafricanos*), *afrolusobrasileiro* (*afrolusobrasileiros*), *girassol* (*girassóis*), *contagota* (*contagotas*), *fincapé* (*fincapés*), *guardachuva* (*guardachuvas*), *paraquedista* (*paraquedistas*), *malmequer* (*malmequeres*), *bemequer* (*bemequeres*), *Tiradentes*, etc.

2.º) Todos os outros compostos, reais ou aparentes, cujos elementos constituintes apresentem concordância interna ou estejam ligados por preposição, artigo ou qualquer

outra forma, assim como as locuções de quaisquer espécie, grafar-se-ão sem aglutinação e sem hífen (nisso compreendidos os toponimos do tipo *Quebra Frascos, Passa Quatro, Abre Campo, etc.*):

medico cirurgião (medicos cirurgiões), arcebispo bispo (arcebispos bispos), rainha claudia (rainhas claudias), alcaide mor (alcaides mores), amor perfeito (amores perfeitos), guarna noturno (guardas noturnos), primeiro ministro (primeiros ministros), azul escuro (azuis escuros), Grã Bretanha, Grão Pará, Porto Alegre, Belo Horizonte, Castelo Branco, todo poderoso (todos poderosos), etc.; agua da colonia, cor de rosa, sala de jantar, A dos Francos (toponimo), Figueira da Foz, Freixo de Espada à Cinta, América do Sul, etc.; Plinio o Antigo, Entre os Rios, Três Rios, Trás os Montes, mais que perfeito, etc.; ao deus dará, à queima roupa, por dá cá aquela palha, etc.; cada um, ele proprio, nós mesmos, quem quer que seja, etc.; em cima, por certo, abaixo de, a fim de, ao passo que, logo que, etc.

3.º) Emprega-se o hífen nos vocabulos terminados por sufixos de origem tupi que representam formas adjetivas, como *açu, guaçu, mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronuncia exige a distinção grafica dos dois elementos: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu, Ceará-Mirim, etc.*

4.º) É proscrito o emprego do hífen nas ligações da preposição *de* às formas monossilabicas do presente do indicativo do verbo *haver*, tipo *hei de, há de, etc.*

5.º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocabulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambique*), e bem assim nas combinações historicas ou ocasionais de toponimos (tipo *Austria-Hungria, Alsacia-Lorena, Angola-Brasil, Toquio-Rio de Janeiro, etc.*).

6.º) Emprega-se o hífen na tmesis da conjugação portuguesa (tipo *amá-lo-ei, enviar-lhe-emos, etc.*), e na enclise (tipo *amá-lo, partir-lhe, etc.*).

BASE XVI

Do hífen na prefixação

Na prefixação, não se emprega o hífen, salvo quando se trate dos prefixos *sem*, *ex* (no sentido de cessamento do estado anterior), *vice*, *vizo*, *alem*, *recem*, *aquem* ou prefixos que têm acento grafico proprio (como *pós, pré, pró*). A exemplificação a seguir é ilustrativa:

1) *contrapartida, contraalmirante, contraarmonico, contrassenha, extraforte, extraaxilar, extrahumano, extraterritorial, extrarregulamentar, extrassecular, infraaxilar, infraepatico, infrarenal, infranormal, inframedio, infrassom, infraatomico, intrarradial, intraepatico, intraocular, intrarraquidiano, intrassegmentar, suprapotente, supraaxilar, supraepatico, suprarrenal, suprassensível, ultraveloz, ultrahumano, ultraocular, ultraoceânico, ultrarromantico, ultrassom, autoeducação, autorretrato, autossugestão, neoescolastico, neoelenico, neorrepblicano, neossociolista, prototipo, protoarico, protoistorico, protorromantico, protossulfureto, pseudoapostolo, pseudorrevelação, pseudossabio, antiigienico, antiiberico, antiimperialista, antirreligioso, antissemita, arquiiperbole, arquirmandade, arquirrabino, arquissecular, semiinterno, semirreta, semisselvagem, semilatente, entreistorico, anteistorico, entreostil, sobrehumano, hiperhumano, hipersensível, interelenico, interresistente, supermem, superrequintado, abrogar, adrenal, obrepeticio, absoluto, adjacente, obcecado,*

DOCUMENTOS

*subtenente, subdelegado, submarino, submarinho, circuncisão, circunavegação, circumu-
rado, correspondência, coonestação, coautoria, coadialeto, coerdeiro, coproprietário, mal-
dizente, malquistado, malquerença (a par de máquerença), malcriação (a par de mácriação),
malaventurado, malumorado, malamado, malamada, pamastite, pamplegia, pampsiquismo,
panentismo, panafriano, panamericano, panelenico, paniconografia, benquistado, benfazer,
benquerente, benquerer, bemvindo, bemaventurança, sotocapitão, sottomestre.*

2) *sem-cerimônia, sem-numero, sem-razão, ex-diretor, ex-ditador, ex-correligionário,
ex-primeiro ministro, vice-almirante, vice-consul, vice-primeiro ministro, vizo-rei, vizo-rei-
nado, vizo-reinar, alem-atlanticidade, alem-mar, aquem-fronteira, pos-glaciário, pos-socrático,
pré-histórico, pré-socrático, pró-britânico, pró-germanofilia, recém-casado, recém-inaugurado.*

Os vocabulários autorizados elucidarão os raros casos em que haja necessidade de esclarecer a sílabação, como em *abrogar (ab/ro/gar)*, *bemaventurado (bem/a/ven/tu/ra/do)* e afins.

BASE XVII

Do apóstrofo

1.º) Quando usadas aglutinadamente com artigos, demonstrativos, pronomes, advérbios iniciados por vogal, as preposições *de* e *em*, reduzidas a *d* e *n*, não são seguidas de apóstrofo: *do, da, das, dela, deles, destes, dalguns, dantes*, etc.; *no, nas, nestes, nalguns, nalguem*, etc.; preservando-se, não havendo aglutinação, o uso das formas *de o, de as, de ela, de estes, de eles, de alguns, de antes*, etc.; *em o, em a, em as, em eles, em estes, em alguns, em alguém*, etc.

2.º) Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contração ou aglutinação: *d'Os Lusíadas, d'Os Sertões, n'Os Lusíadas, n'Os Sertões*, etc. (mas não em ocorrências do tipo *importância atribuída a A Relíquia, referência a Os Sertões*, etc.).

3.º) Pode cindir-se por meio de apóstrofo uma contração ou aglutinação para realçar com maiúscula inicial entidades transcendentais — tipo *d'Ele, pe'Ó, n'Aquela que é a Vida* (mas sem apóstrofo em *a O, a A, a Aquela, a Aquele*, etc.).

4.º) Usar-se-á o apóstrofo nas aglutinações com *de* ou *em* e a contração *na*, reduzidas a *d* ou *n*, com a vogal inicial de nomes substantivos ou adjetivos do tipo *d'alho, d'agua, d'amorosos sentimento, n'agua, n'alma*, etc., que alternam, se não aglutinadas, com *de alho, de agua, da agua, de amorosos sentimentos, na alma*, etc.

5.º) Em aglutinações antigas, é facultado usar o apóstrofo em casos do tipo *Sant'Ana, Sant'Iago, Pedr'Alvares*, etc., ou *Santana* ou *Santa Ana, Santiago* ou *São Tiago, Pedralvares* ou *Pedro Alvares*, etc.

BASE XVIII

Das maiúsculas e minúsculas (I)

1.º) A letra minúscula inicial é usada:

- a) ordinariamente, em todos os vocabulários da língua nos usos correntes;
- b) nos nomes dos dias, meses, estações do ano, nos bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocabulários dos bibliônimos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo); nos usos de *fulano, sicrano, beltrano*; nos pontos cardeais (mas não em suas abreviações); nos

axlonimos *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mario Abrantes, santa Filomena, o cardeal Bembo*; nos nomes de disciplinas, de cadeiras, de cursos;

c) opcionalmente, as minúsculas iniciais podem ser substituídas pelas maiúsculas, nos hagnônimos, nos nomes de disciplinas, cadeiras, cursos.

2.º) A letra maiúscula inicial é usada:

a) ordinariamente, nos antropônimos ou toponimos, reais ou fictícios, nos nomes de seres antropomorfizados, nos intitulativos Institucionais (*Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*), nos nomes de festas e festividades, nos títulos de periódicos (*O Primeiro de Janeiro, O Estado de São ou S. Paulo*, que retêm o grifo), nos pontos cardeais ou equivalentes quando empregados absolutamente (*Nordeste*, por nordeste do Brasil, *Norte*, por norte do Brasil, *Meio Dia*, pelo sul da França ou de outros países, *Ocidente*, por ocidente europeu, *Oriente*, por oriente asiático);

b) em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou mediais ou finais ou o todo em versal;

c) opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente, em início de versos, em categorizações de logradouros públicos (*rua* ou *Rua da Liberdade, largo* ou *Largo dos Leões*), de templos (*Igreja* ou *Igreja do Bonfim, templo* ou *Templo do Apostolado Positivista*), de edifícios (*palacio* ou *Palacio da Cultura, edifício* ou *Edifício Azevedo Cunha*).

BASE XIX

Das maiúsculas e minúsculas (II)

As disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica, etc.) promanadas de entidades científicas ou normalizadoras reconhecidas internacionalmente.

BASE XX

Da divisão silábica

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de, bru-ma, ca-cho, lha-no, ma-lha, ma-nha, ma-xi-mo, o-xi-dó, ro-xo, tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocabúlos segundo a etimologia (*bl-sa-vô, de-sa-pa-re-cer, di-su-ri-co, e-xa-ni-me, i-na-bil, o-bo-val, su-bo-cu-lar, su-pe-ra-ci-dó*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1.º) São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem grupos perfeitos, ou sejam (com exceção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b* ou *d*: *ab-//legação, ad-//ligar, sub-//lunar*, etc. em vez de *a-//blegação, a-//diligar, su-//blunar*, etc.) aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma gutural, uma dental, ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-//blução, cele-//brar, du-//plicação, re-//primir; a-//clamar, de-//creto, de-//glutinação, re-//grado; a-//tletico, cate-//dra, perime-//tro; a-//fluir, a-//fricano, ne-//vrose*.

2.º) São divisíveis no interior de palavras as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos e igualmente as sucessões de uma ressonância nasal e uma consoante: *ab-//dicar, Ed-//gar, op-//tar, sub-//por; ab-//soluto, ad-//jetivo*,

af-//ta, bet-//samita, ob-//viar; des-//cer, dis-//ciplina, flores-//cer, nas-//cer, res-//cisão; ac-//ne, ad-//miravel, Daf-//ne, diafrag-//ma, drac-//ma, et-//nico, rit-//mo, sub-//meter; am-//nesico, Interam-//nense; bir-//reme, cor-//roer, pror-//rogar; as-//segurar, bis-//secular, sos-//segar; bissex-//to, contex-//to, ex-//citar; atroz-//mente, capaz-//mente, infeliz-//mente; am-//bição, desen-//ganar, en-//xame, man-//chu, Man-//lio, marim-//bondo, dig-//nidade, Ag-//nelo, eg-//nostico, etc.

3.º) As sucessões de mais de duas consoantes ou de uma ressonância nasal e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois meios: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis de acordo com o preceito 1.º), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a divisão dá-se sempre antes da última consoante. Exemplos: *cam-//braia, ec-//lipse, em-//blema, ex-//plicar, in-//cluir, ins-//crição, subs-//crever, trans-//gredir, abs-//tenção, ar-//tropode, disp-//neia, inters-//telar, lamb-//dacismo, sols-//ticial, tungs-//tenio.*

4.º) As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-//roso, cadei-//ra, insti-//tui, ora-//ção, sacris-//tões, traves-//sões*) podem, se a primeira delas não é *u* precedido de *g* ou *q*, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala-//ude, are-//as, ca-//apeba, co-//ordenar, do-//er, flu-//idez, perdo-//as, vo-//os*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai-//ais, cai-//eis, ensai-//os, flu-//iu.*

5.º) Os diagramas *gu* e *qu*, em que o *u* se não pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato (*ne-//gue, ne-//guei; pe-//que, pe-//quei*), do mesmo modo que as combinações *gu* e *qu* em que o *u* se pronuncia: *a-//gua, ambi-//gua, averi-//guéis; longin-//quos, lo-//quaz, quais-//quer.*

6.º) Quando se tem de partir uma palavra composta ou uma combinação de palavras em que há um hífen, ou mais, e a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, pode, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex-//alferes, serená-//los-emos ou serená-los-//emos, vlce-//almirante.*

BASE XXI

Dos pontos de interrogação e exclamação

O ponto de interrogação e o ponto de exclamação apenas se empregam nas suas formas normais (? e !).

BASE XXII

Das assinaturas e firmas

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, nomes de sociedades, marcas, etc.

BASE XXIII

Dos toponimos de linguas estrangeiras

Recomenda-se que os toponimos de linguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernaculas, quando estas sejam antigas e ainda vivas em

D O C U M E N T O S

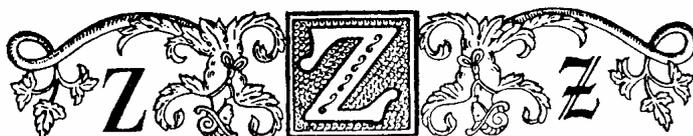
português ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplo: *Anvers*, substituído por *Antuerpia*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Genève*, por *Genebra*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Milano*, por *Milão*; *München*, por *Munique*; *Torino*, por *Turim*; *Zürich*, por *Zurique*, etc.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 1966.

ENCONTRO DE UNIFICAÇÃO ORTOGRÁFICA DA LÍNGUA PORTUGUESA,
NO RIO DE JANEIRO, NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

I N D I C E

BASE I:	Das letras <i>k</i> , <i>w</i> e <i>y</i>
BASE II:	Dos derivados de nomes estrangeiros
BASE III:	Do <i>h</i> inicial
BASE IV:	Dos finais de origem hebraica
BASE V:	Da homofonia de certas consoantes
BASE VI:	Das sequências consonânticas (I)
BASE VII:	Das sequências consonânticas (II)
BASE VIII:	De consoantes finais
BASE IX:	Das vogais atonas
BASE X:	De <i>perguntar</i> e derivados
BASE XI:	De <i>querer</i> e derivados
BASE XII:	Das nasais
BASE XIII:	Dos ditongos
BASE XIV:	Da acentuação gráfica
BASE XV:	Dos hifens em compostos e locuções
BASE XVI:	Do hífen na prefixação
BASE XVII:	Do apóstrofo
BASE XVIII:	Das minúsculas e maiúsculas (I)
BASE XIX:	Das minúsculas e maiúsculas (II)
BASE XX:	Da divisão silábica
BASE XXI:	Dos pontos de interrogação e exclamação
BASE XXII:	Das assinaturas e firmas
BASE XXIII:	Dos toponímicos de línguas estrangeiras



DOCUMENTOS



As delegações de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Brasil ao Encontro de Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizado no Rio de Janeiro, na Academia Brasileira de Letras, de 6 a 12 de maio de 1986, agradecem o assíduo comparecimento às suas sessões dos observadores da Galiza, escritor José Luís Fontenla, professora Adela Figuerca e professor Isaac Alonso Estravis, em representação do professor Ernesto Guerra da Cal, bem como do observador da União Latina, professora Rogéria Cruz.

Rio de Janeiro, 12 de maio de 1986

por Angola Maria Luiza Dolbeth e Costa
(professora Maria Luísa Dolbeth Costa)

por Cabo Verde Corcino Fortes
(embaixador Corcino Fortes)

por Moçambique Luis Filipe Pereira
(professor Luis Filipe Pereira)

por Portugal Manuel Jacinto Nunes
(professor Manuel Jacinto Nunes)

por São Tomé e Príncipe Albertino Homem dos Santos Sequeira Bragança
(professor Albertino Homem dos Santos Sequeira Bragança)

pelo Brasil Austregésilo de Athayde
(acadêmico Austregésilo de Athayde)



O GALEGO PORTUGUÊS NO MUNDO
 1-Portugal e Galiza, 2-Açores, 3-Madeira, 4-Cabo Verde, 5-Caraíbas, 6-Brazil
 7-S. Tomé e Príncipe, 8-Angola, 9-Mozambique, 10-Timor, 11-Diáspora, 12-Gaia
 13-Corunha, 14-Madeira e Açores, 15-Algarve, 16-Tomem, 17-Madeira
 Língua oficial da CEE

COMISSÃO PARA A INTEGRAÇÃO DA LÍNGUA DE GALIZA
 NO ACORDO ORTOGRÁFICO LUSO-BRASILEIRO "

Tel. (986) 85 22 79 Apdo. 12. 36080 Ponte-Vedra (Galiza)
 Avd. Perufeiro, 18-7ª esqª. 15011 A Corunha (Galiza)
 Apdo. 1037. 4700 Braga (Portugal)

ADESÃO DA COMISSÃO DA GALIZA

CONSIDERANDO que a Língua própria da Galiza -o galego-português- faz parte do mundo lusófono por direito próprio.

CONSIDERANDO que a Galiza, Terra-mãe e berço onde se gerou e criou a Língua Portuguesa depois espalhada por todo o planeta, não deve estar alheia ao processo de uniformização da língua comum que ainda é usada pelo 76% da população galaica e é definida pelas leis fundamentais como a "língua própria da Galiza".

CONSIDERANDO que os Galegos hão-de assumir o compromisso de defender, enriquecer e promover as potencialidades do Sistema Lingüístico Comum, hoje língua oficial de Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe, da CEE e da OUA, do que a língua da Galiza faz parte desde as suas origens,

CONSIDERANDO de grande interesse e importância a uniformização da nossa língua comum, segunda língua românica internacional e transcontinental que sustenta diferentes Sistemas Culturais na Europa, África e América Latina e em outros locais do planeta,

Pela presente DECLARAÇÃO

"Adorimos ao Acordo Ortográfico adoptado no Rio de Janeiro na Conferência sobre Uniformização da Língua Portuguesa e como entidades privadas não governamentais decidimos que pela nossa parte hão-de efectivar-se quantas acções sejam necessárias para propormos aos nossos Governos e instarmos junto deles que transformem este instrumento comum na lei ortográfica nacional da Galiza, o que presume pelo menos a tramitação democrática pelos legislativos do Acordo unânime adoptado nesta Conferência do Rio de Janeiro"

"Além disso, as entidades que compõem a Comissão da Galiza assumem desde já, como entidades culturais, lingüístico-pedagógicas e científicas, a norma-padrão definida nesta Conferência para suas actividades sociais e publicações, à vez que hão-de promover seu uso na Galiza com outras entidades académicas, culturais e científicas, oficiais ou privadas, assim como a intervenção em futuras reformas ortográficas da língua comum"

Em Santiago de Compostela, a 24 de Abril de 1986.

O Presidente da Comissão,

Ernesto Guerra Da Cal
 Prof. Emeritus da Universidade de
 Nova Iorque

Ernesto Guerra da Cal

Os Vice-Presidentes,
 Dr. Valentim Paz Andrade, da
 Real Academia Galega

Valentim Paz Andrade

O Secretario,

António Gil Hernández
 Prof. da Universidade de Santiago

António Gil Hernández

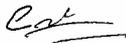
Os Vice-Secretários,
 Dr. J. L. Fontenla, Presidente das Irman-
 dades da Pala da Galiza e Portugal

J. L. Fontenla

Vice-Presidente 2º
D. Genaro Marinhas del Valhe, da
Real Academia Galega



Dr. Carlos Durão
Presidente do Escritores em
Língua Galego-Portuguesa



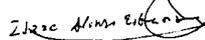
Prof.ª Adela Figueroa
Catedrática de Ciências e
Co-Directora da Revista
Galego-Portuguesa O ENSINO



Prof. José Paz, da Universidade
de Santiago e da UNED -Universidade
a Distância-Presidente da Associação
Sócio-Pedagógica Galego-Portuguesa



O Vice-Secretário 2º
Prof. Isaac Alonso Estravis, Secretário
das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal

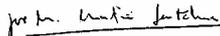


Os Ex. mos. Srs. Membros da Comissão

Prof. Tibério Feliz, Presidente da
Associação Pedagógica Jornadas do Ensino
da Galiza e Portugal



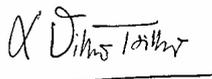
Prof. José-Martinho Monteiro Santalha
Presidente da Secção de Textos Litúrgicos Uni-
ficados das Irmandades da Fala



Prof. J. J. Santamaria, da Universidade de
Santiago, Presidente da Secção de Linguagem
Técnico-Científica e Comercial



Prof. Xavier Vilha Trilho
da Universidade de Santiago
de Compostela



**PARTICIPANTES DO ENCONTRO
DO PROGRAMA DE UNIFICAÇÃO ORTOGRAFICA DA LINGUA PORTUGUESA
Rio de Janeiro • 6-12 de Maio**

Local: ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

• PORTUGAL

Prof. Manuel Jacinto Nunes — Representante
Prof. Luis Filipe Lindley Cintra — Voz da Delegação
Prof. João Casteleiro — Voz suplente e responsável pelas questões técnicas
Prof.ª Maria de Lourdes Belchior Pontes — Delegada
Prof.ª Maria Helena da Rocha Pereira — Delegada
Prof. Américo Costa Ramalho — Delegado
Prof. Fernando Alves Cristóvão — Delegado
Dr. Mário Quartim Graça — Conselheiro Cultural da Embaixada

• CABO VERDE

Embaixador Casino Fortes
Prof. Manuel Veiga

• ANGOLA

Prof.ª Marla Luisa Dolbeth Costa Carmelino

• GUINÉ BISSAU

Prof. Paulo Pereira

• SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Prof. Albertino Homem dos Santos Siqueira Bragança

• MOÇAMBIQUE

Prof. Luis Filipe Pereira

• GALIZA

Dr. J. L. Fontenla — Escritor
Prof.ª Adela Figueroa
Prof. Isaac Estraviz

• BRASIL

Academico Austregesilo de Athayde — Chefe
Embaixador José Olympio Rache de Almeida — Delegado
Academico Antonio Houais — Delegado
Prof. Francisco de Assis Balthar Peixoto de Vasconcellos — Delegado
Prof. Adriano da Gama Kury — Delegado
Academico Abgar Renault — Delegado
Academico Eduardo Portela — Delegado
Prof. Celso Pereira da Cunha — Delegado

D O C U M E N T O S

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO

Prof. Aurelio Wander Chaves Bastos — Delegado
Dr. José Humberto Mendes Barbosa — Assessor
Jornalista Paulo Jorge Buarque — Assessor

MINISTERIO DA CULTURA

Academico Américo Jacobine Lacombe — CRB
Prof. Mário Camarinha — Casa Rui Barbosa

MINISTERIO DE RELAÇÕES EXTERIORES

Embaixador Lael Soares — Delegado
Secretario José Carlos de Araujo Leitão

• UNIÃO LATINA

Prof.ª Rogéria Cruz

Nota: A Delegação Brasileira para o Encontro foi designada conforme publicação no *Diário Oficial* de 5 de Maio de 1986, pág. 2126 - Secção II.



Acto de abertura do Encontro de Unificação da Língua Portuguesa. Alguns membros das Delegações ao Encontro do Rio de Janeiro em Maio de 1986. Da esquerda para a direita: Prof. Antonio Houaiss (Brasil), prof. M. Veiga (Cabo Verde), prof.ª Maria Helena da Rocha Pereira (Portugal), prof. Malaca Casteleiro (Portugal), prof.ª Adela Figueroa (Galiza), prof.ª Rogéria Cruz (União Latina), Dr. J. L. Fontenla Rodrigues (Galiza).